



# A relação professor- estudante na extensão universitária: horizontalidade, autonomia e o impacto na formação discente

LUIS FELIPE PEREIRA DE CARVALHO  
ROSARIA DA PAIXÃO TRINDADE

The university extension professor-student  
relationship: horizontality, autonomy and impact  
on student training

## A relação professor-estudante na extensão universitária: horizontalidade, autonomia e o impacto na formação discente<sup>1</sup>

The university extension professor-student relationship: horizontality, autonomy and impact on student training

**PALAVRAS-CHAVE**  
**PRÁXIS.**  
**MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA.**  
**DIALOGICIDADE.**  
**FORMAÇÃO CRÍTICA.**  
**CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.**

**KEYWORDS**  
**PRAXIS.**  
**PEDAGOGICAL MEDIATION.**  
**DIALOGICITY.**  
**CRITICAL EDUCATION.**  
**KNOWLEDGE CONSTRUCTION.**

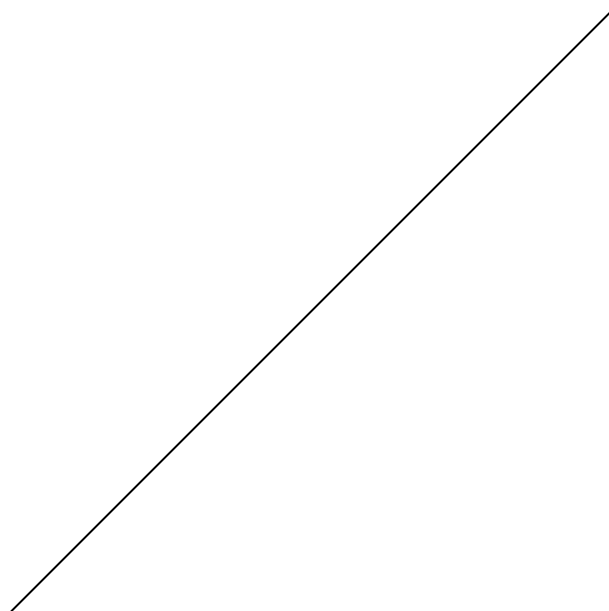
**RESUMO** A extensão universitária apresenta-se como um dos pilares da universidade brasileira, ao lado do ensino e da pesquisa. O presente artigo apresenta resultados da pesquisa que analisa a dinâmica da relação professor-estudante em projetos de extensão universitária e sua contribuição para autonomia e o desenvolvimento dos estudantes. Por meio de uma abordagem qualitativa, que utilizou entrevistas semiestruturadas e observações como instrumentos de coleta de dados, a pesquisa investiga como essa interação contribui para a formação discente. Os resultados indicam que a extensão universitária favorece uma relação mais horizontal e dialógica entre docentes e discentes, impulsionando o desenvolvimento da autonomia estudantil e de habilidades essenciais para a formação profissional e cidadã. A análise aponta que a qualidade dessa relação, pautada na mediação e construção do conhecimento, é crucial para a articulação entre teoria e prática. Conclui-se que a extensão, ao promover esse ambiente colaborativo, pode contribuir, significativamente, para o melhor desenvolvimento dos estudantes.

**ABSTRACT** University extension is one of the pillars of Brazilian universities, alongside teaching and research. This article presents the results of research that analyzes the dynamics of the teacher-student relationship in university extension projects and its contribution to student autonomy and development. Through a qualitative approach, which used semi-structured interviews and observations as data collection tools, the research investigates how this interaction contributes to student education. The results indicate that university extension favors a more horizontal and dialogical relationship between teachers and students, boosting the development of student autonomy and essential skills for professional and citizen training. The analysis shows that the quality of this relationship, based on mediation and co-construction of knowledge, is crucial for the link between theory and practice. The conclusion is that extension, by promoting this collaborative environment, can contribute significantly to better student development.

<sup>1</sup> Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

**LUIS FELIPE PEREIRA DE CARVALHO**  
*Universidade Estadual de Feira de Santana.*  
*Graduando em Engenharia da Computação.*  
*E-mail: luisoftbr@outlook.com.br*

**ROSARIA DA PAIXÃO TRINDADE**  
*Universidade Estadual de Feira de Santana.*  
*Doutorado em Difusão do Conhecimento.*  
*E-mail: rosapt@uefs.br*



**INTRODUÇÃO** A Constituição Federal de 1988 defende o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, na universidade brasileira. Tal princípio tornou importante a formação do estudante, que perpassa pela formação para além da sala de aula. Nesse contexto, a extensão universitária emerge como uma perspectiva formativa, pedagógica e cidadã, que busca estabelecer uma relação colaborativa e transformadora entre a universidade e os diversos setores da sociedade. Essa transformação ocorre em vários níveis: (i) a universidade, ao interagir com as realidades sociais, é enriquecida e desafiada a repensar suas práticas de ensino e pesquisa; (ii) a sociedade é beneficiada com a utilização do conhecimento acadêmico/científico na resolução de problemas e na promoção do desenvolvimento. (iii) e professores e estudantes vivenciam um processo de formação teórica e prática, que supera os limites da sala de aula, desenvolvendo, no estudante, autonomia, senso crítico e engajamento social. Superando a concepção de uma atividade complementar, o processo de extensão qualifica o valor da construção do conhecimento acadêmico, ético e político da instituição, tornando-se mais um caminho de construção do saber e de promoção da formação dos sujeitos da universidade e da comunidade.

No âmbito da extensão universitária, é importante, também, atentar-se para a qualidade da relação entre professor e estudante. Essa interação tem o potencial de influenciar nas escolhas metodológicas e avaliativas do professor, repercutindo também no processo educativo e na formação do estudante. A extensão pode fortalecer as atividades

desenvolvidas em sala de aula ao proporcionar um espaço de aprendizagem, onde a vivência de forma prática e a interação com comunidades com realidades sociais diferentes se tornam elementos centrais. Ao aproximar a universidade das demandas e problemas sociais, econômicos, políticos e culturais, a extensão favorece uma aprendizagem de forma mais contextualizada e supera a ideia de que o conhecimento só se constrói na sala de aula. Essa característica própria à extensão potencializa a capacidade de aprender dos estudantes, oferecendo uma formação que perpassa os limites da sala de aula e os prepara para agir de forma mais consciente e participativa na sociedade.

Nesse cenário, a extensão universitária amplia o espaço de ensino e aprendizagem para além dos muros da academia. Ela oferece aos estudantes e professores a oportunidade de se envolverem com realidades sociais e culturais distintas, o que faz com que se comece a pensar mais sobre a dinâmica das relações sociais, os problemas socioeconômicos do país e a cultura nacional e local. As atividades extensionistas, ao promoverem essa interação, tornam o aprendizado mais humano e significativo, pois estabelecem laços mais estreitos da universidade com a realidade econômica, social, política e cultural. Dessa forma, a extensão universitária rompe com a visão de que o conhecimento produzido na universidade se limita ao aspecto técnico – perspectiva que, por muito tempo, predominou nas instituições. Ao promover experiências que vão além do fazer técnico, a extensão também contribui para o desenvolvimento pessoal e profissional dos envolvidos.

Diante desse contexto, o presente artigo se propôs a analisar como a relação professor-estudante se configura nos projetos de extensão universitária, investigando de que maneira essa dinâmica contribui para a construção da autonomia e o desenvolvimento dos estudantes. Este trabalho está estruturado em seções que abordam, inicialmente, o referencial teórico que fundamenta a discussão sobre a relação professor-estudante e o papel da extensão. Em seguida, será apresentada a metodologia adotada na pesquisa, detalhando os procedimentos de coleta e análise de dados. Posteriormente, são apresentados os resultados obtidos, correlacionando os achados empíricos com a literatura pertinente. Por fim, serão apresentadas as considerações finais, sintetizando as contribuições do estudo e apontando perspectivas para futuras investigações.

**METODOLOGIA** A presente seção detalha a abordagem metodológica empregada na condução da pesquisa, englobando o delineamento do estudo, a seleção dos participantes, os instrumentos utilizados para a coleta de informações e os procedimentos adotados para a análise dos dados.

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, por ser mais adequada à compreensão das relações sociais e das experiências subjetivas dos participantes em seu contexto natural. Conforme assinala Gil, a análise qualitativa envolve a redução, categorização e interpretação dos dados, sendo menos formal e mais dependente da natureza das informações coletadas. Diferentemente da abordagem quantitativa, em que as categorias são pré-definidas, na qualitativa elas podem ser modificadas ao longo da investigação para alcançar sentidos mais abrangentes e significativos, o que reforça sua pertinência para estudos que buscam compreender processos dinâmicos

vivenciados por grupos sociais (Gil, 2008).

Lakatos e Marconi destacam que a pesquisa qualitativa permite ao investigador “penetrar no mundo dos fenômenos através de sua ação recíproca”, buscando a compreensão da realidade em sua complexidade e das interações entre os sujeitos, o que se alinha à proposta de investigar as nuances da relação professor-estudante no contexto da extensão universitária (Lakatos; Marconi, 2003). A natureza exploratória visou investigar o tema da relação professor-estudante na extensão universitária, um campo em constante desenvolvimento, buscando identificar e analisar suas nuances e dinâmicas. O caráter descritivo, por sua vez, teve como propósito detalhar as características observadas nessa relação, oferecendo um panorama rico e contextualizado das interações.

Os participantes da pesquisa foram professores e estudantes de dois projetos de extensão universitária desenvolvidos na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Para a preservação da privacidade e confidencialidade, os nomes dos participantes, bem como dos projetos específicos, não serão divulgados no presente artigo, garantindo o anonimato em conformidade com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado por todos os envolvidos e em consonância com as diretrizes éticas da pesquisa. Os participantes serão denominados da seguinte forma (Quadro 1):

PROJETO	PARTICIPANTES	DENOMINAÇÃO NA PESQUISA
1	Professor 1	P1
1	Estudante 1	E1
1	Estudante 2	E2
2	Estudante 2	P2
2	Estudante 3	E3
2	Estudante 4	E4

**TABELA 1 – DENOMINAÇÃO DOS PARTICIPANTES E PROJETO AO QUAL PERTENCEM/ FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA (2025).**

A coleta de dados foi realizada por meio de dois instrumentos: entrevistas semiestruturadas e observações. Conforme Lakatos e Marconi, a entrevista é um encontro entre duas pessoas para a obtenção de informações sobre determinado assunto, sendo um procedimento fundamental na investigação social para a coleta de dados. Já a observação é uma técnica de coleta de dados que utiliza os sentidos para obter informações sobre aspectos da realidade, não se limitando a ver e ouvir, mas também a examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar (Lakatos; Marconi (2003).

As entrevistas semiestruturadas, conduzidas com roteiros específicos elaborados para professores e para estudantes, permitiram aprofundar temas mais específicos, como o desenvolvimento do discente, ao mesmo tempo em que asseguraram a cobertura dos objetivos centrais da investigação. Essa técnica possibilitou a obtenção de informações sobre as experiências e percepções dos participantes em relação à dinâmica

professor e estudante no âmbito da extensão. De maneira complementar, as observações de atividades de projetos de extensão ofereceram uma visão contextualizada e a chance de analisar as conversas e o comportamento no ambiente real, enriquecendo o que foi obtido através das entrevistas. O uso combinado de instrumentos de coleta, também conhecido como triangulação, fortalece a robustez dos achados da pesquisa.

Em ambos os projetos investigados, os estudantes ministraram cursos voltados à comunidade, atuando como professores e monitores das atividades. Essa prática ocorreu sempre sob a supervisão e orientação constante dos professores, que acompanharam os estudantes por meio de reuniões regulares, feedbacks e intervenções pedagógicas. Tal configuração reforça a natureza colaborativa da relação entre professor e estudante e fornece uma base rica para a análise das dinâmicas extensionistas observadas nesta pesquisa.

A coleta de dados seguiu um protocolo baseado na ética em pesquisa com seres humanos e detalhado no TCLE. Todas as entrevistas foram previamente agendadas conforme a disponibilidade dos participantes e gravadas em áudio (com gravador digital portátil e/ou smartphone), mediante permissão e assinatura do TCLE por todos os envolvidos.

Para a análise dos dados, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo temática, proposta por Bardin (1977). Essa técnica permite a organização sistemática e a interpretação das mensagens obtidas, desvelando os núcleos de sentido que compõem a comunicação. O processo analítico, conforme estabelecido por Bardin (1977), compreende três fases distintas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados (inferência e interpretação).

Na fase de pré-análise, houve a organização do material, a leitura preliminar das transcrições das entrevistas e das anotações das observações, e a constituição do corpo da pesquisa. A exploração do material envolveu a codificação e a categorização das respostas, onde os dados foram transformados em unidades para análise, permitindo a identificação dos temas recorrentes e das nuances presentes nas falas dos professores e estudantes. Por fim, a fase de tratamento dos resultados (inferência e interpretação) consistiu na análise crítica das categorias e subcategorias. Nela, foram realizadas conexões com o referencial teórico. Esse processo organizado garantiu uma análise detalhada e precisa dos dados, ajudando a criar um conhecimento sólido e importante sobre a relação professor-estudante no contexto da extensão universitária.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### ➤ RELAÇÃO PROFESSOR E ESTUDANTE: IMPLICAÇÃO NA/DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Esta seção apresenta a base teórica que ampara a compreensão da dinâmica entre professores e estudantes no âmbito da extensão universitária. O foco incide sobre como a extensão universitária atua como catalisador das transformações na própria relação professor-estudante e como ela ajuda na formação complementar do estudante.

Reconhecida, conforme indicado na Constituição Brasileira de 1988, como um dos pilares indissociáveis da universidade, junto ao ensino e à pesquisa, a extensão vai além de uma formalidade legal ou atividade complementar: constitui um “processo educativo, cultural

e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade” (Siveris, 2013, p. 98).

A natureza da extensão universitária é caracterizada como sendo uma “via de mão dupla”. Isso significa que o fluxo de saberes não ocorre de forma unidirecional, da universidade para a comunidade, mas sim em uma troca contínua e mútua. A comunidade acadêmica, ao interagir com a sociedade, tem a chance de colocar em prática um conhecimento acadêmico, ao mesmo tempo em que reconhece e aprende com os saberes produzidos fora do ambiente universitário. Portanto, através da extensão, há uma troca e um aprendizado mútuo, onde a universidade aprende com a comunidade e vice-versa.

Esse processo pode resultar na produção de novos conhecimentos, tornando o saber universitário acessível a um público mais amplo e promovendo a participação ativa da comunidade nas ações da universidade. Como Siveres destaca, “se a compreensão estiver associada à vivência, a extensão universitária torna-se um espaço de construção de conhecimentos significativos e de práticas sociais relevantes” (Siveres, 2013, p.63). Essa dinâmica de conectividade dialógica fortalece os projetos pedagógicos dos cursos e o projeto da instituição.

Nesse cenário, a extensão universitária amplia o espaço de ensino e aprendizagem para além dos muros da academia. Ela oferece aos estudantes e docentes a oportunidade de se envolverem com realidades sociais e culturais distintas, o que os instiga a refletir sobre a dinâmica das relações sociais, os problemas socioeconômicos do país e a cultura nacional e local. As práticas extensionistas, ao promoverem essa interação, tornam o aprendizado mais humano e significativo, pois estabelecem laços mais estreitos da universidade com a realidade econômica, social, política e cultural. Dessa forma, a extensão supera a visão limitada de que o conhecimento desenvolvido na universidade é puramente técnico, que por muito tempo priorizou apenas esse aspecto nas instituições sociais, ao possibilitar a vivência de experiências que vão além do fazer técnico e incluem o desenvolvimento pessoal e profissional.

A relação professor-estudante assume um papel central e crucial nesse processo. Conforme Aquino (1996), a qualidade dessa relação é de suma importância, a ponto de “estabelecer posicionamentos pessoais em relação à metodologia, à avaliação e aos conteúdos”. Uma relação positiva entre ambos aumenta a probabilidade de um maior aprendizado e produz resultados educativos mais satisfatórios.

Nesse sentido, a extensão favorece a aproximação entre docentes e discentes, flexibilizando hierarquias e promovendo a colaboração. Essa aproximação está em sintonia com o pensamento de Paulo Freire (1996), que defende o diálogo como elemento essencial de uma prática pedagógica democrática. Para o autor, “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam entre si” (Freire, 1996, p. 47), pois o conhecimento se constrói na interação entre sujeitos históricos e críticos.

José Pacheco (2011), ao propor a experiência da Escola da Ponte, também valoriza o rompimento com a rigidez hierárquica tradicional. Em sua proposta, a escuta ativa, a autonomia e a

corresponsabilidade tornam-se fundamentos de uma educação participativa e mais humanizada.

Assim, a dialogicidade torna-se um princípio estruturante dessa nova configuração relacional, permitindo que professores e estudantes troquem saberes, questionem e construam juntos o conhecimento, em uma prática pedagógica orientada pela emancipação e pelo respeito mútuo.

A contribuição da extensão para a formação dos estudantes é multifacetada e abrange diversas áreas como a educacional e a social. Conforme Sampaio (2011), a motivação para a realização da extensão reside na compreensão dos processos (des)construídos nas relações do sujeito individual com o outro social, e a extensão sempre produzirá conhecimento porque há muito a conhecer na interação com o desconhecido. Essa experiência de contato direto com a realidade social permite que a teoria trabalhada em sala de aula converse com os desafios do mundo real, promovendo a capacidade das pessoas de relacionar teoria e prática.

Além disso, a extensão universitária tem um papel muito importante para formar atitudes de cidadania e mudar valores pessoais. Ao proporcionar aos estudantes o contato com realidades diversas, permite com que eles desenvolvam um pensamento crítico, essencial para o exercício pleno da cidadania, o que os leva a se comprometer com causas sociais. A autonomia, para Paulo Freire (1996), não é um estado inato ou estático, mas um processo de amadurecimento do ser que se constrói e se consolida na experiência de decidir e de se responsabilizar. Complementarmente, Rossetto (2005) a define como “a capacidade do sujeito de elaborar normas próprias e de segui-las, sem que para isso necessite de coação externa”. A extensão universitária, conforme destacada por Villar (2011), é fundamental para a formação cidadã, pois é um espaço privilegiado para que o saber científico e o popular se integrem na construção de um novo conhecimento e na transformação social. Essa prática pode, inclusive, influenciar a cultura das pessoas, contribuindo para a acumulação de forças contrárias à dominação, à exclusão e ao descaso com as políticas públicas. O desenvolvimento estudantil, um conceito abordado por Freire (1996), é intrinsecamente ligado a essa vivência, pois é na ação e na reflexão sobre a prática que os sujeitos se tornam mais capazes de decidir por si e de intervir na realidade, fortalecendo sua autonomia.

Portanto, na interligação, a extensão universitária não apenas ressalta o valor do conhecimento e da instituição na sociedade, mas também fortalece e ressignifica a relação entre professor e estudante, ao promover espaços de diálogo, cooperação e vivências compartilhadas. Essa relação que, no modelo tradicional costuma ser unidirecional (professor transmite o conhecimento e o estudante só recebe), vira um espaço onde se constrói o conhecimento em conjunto. Nela, professores e alunos aprendem e ensinam uns com os outros e com a comunidade, o que impacta significativamente na formação e na participação social dos futuros profissionais.

**RESULTADOS E DISCUSSÕES** A presente seção dedica-se à apresentação e à discussão dos resultados obtidos na pesquisa. A compreensão

da dinâmica dessa relação é dividida em subtemas que explicam as mudanças vivenciadas por estudantes e professores nesse contexto interativo.

#### ➤ O PAPEL DO PROFESSOR/COORDENADOR NA EXTENSÃO: MEDIAÇÃO DO PROCESSO

A análise das entrevistas infere que há uma mudança no papel do professor quando ele trabalha na extensão universitária, onde pode adotar uma postura pedagógica que difere de um modelo centrado na docência. Os professores que foram entrevistados afirmam que se percebem mais como mediadores do processo e coordenadores das atividades do que como simples transmissores de conteúdo. Sua atuação concentra-se no acompanhamento dos estudantes, que atuam como educadores nos projetos, e na forma como desenvolvem as atividades propostas. Essa adaptação responde à diversidade dos públicos envolvidos nas ações extensionistas.

P2 descreve que seu trabalho no projeto se baseia em reuniões para acompanhar o andamento dos estudantes e oferecer suporte às dificuldades pedagógicas dos estudantes. Como afirma: “o meu papel dentro desse projeto é estar fazendo reuniões semanais com eles (...) e estar em contato com eles, se eles estão com alguma dificuldade na parte de didática” (P2, 2025). Ele destaca que os próprios estudantes “estão fazendo o papel de professor”, o que exige acompanhamento cuidadoso por parte do professor.

Essa mudança também é percebida por P1, que relata a necessidade de adaptar continuamente suas estratégias diante da diversidade de públicos: “é uma população variada”, diz, abrangendo desde “leigos” até “estudantes” e profissionais, o que a faz sentir que “tem que me adequar a cada público” (P1, 2025).

Essa concepção do professor como mediador dialoga com Belotti e Faria (2010), que defendem que o educador, ao promover relações horizontais, contribui para uma formação continuada, superando a lógica da transmissão unilateral. No contexto da extensão, isso se traduz em uma prática pedagógica sensível às realidades sociais, centrada na colaboração e no fortalecimento da autonomia estudantil.

Tal concepção também se alinha ao que propõe Paulo Freire, que defende a construção do conhecimento pelo próprio aluno, com o professor criando condições para que isso ocorra (Freire, 1996). A atuação na extensão, marcada pelo diálogo e pela colaboração, favorece o aprimoramento do conhecimento e a participação ativa, resultando em um aprendizado mais significativo e humanizado. O engajamento do professor nesse processo, longe de ser um problema, é visto como estimulante por P1, que afirma: “eu não considero isso dificuldade, nem desafio não, eu acho estimulante” (P1, 2025), reforçando o caráter dinâmico e transformador da relação entre professor e estudante.

#### ➤ EXTENSÃO: DIÁLOGO, PARCERIA E AUTONOMIA

A forma como professores e estudantes interagem nos projetos de extensão universitária investigados nesta pesquisa infere-se como uma relação aberta e dialógica, com espaço para troca de ideias

e decisões compartilhadas. As análises indicam uma relação de parceria na construção do conhecimento, em que a autonomia dos estudantes é estimulada.

Essa parceria e a promoção da autonomia são evidentes na qualidade da comunicação e no ambiente de colaboração, conforme o professor P1, ao falar sobre a internação, confirma que a troca é constante e de boa qualidade. Ele afirma que “sempre há espaço para que eles desenvolvam um bom trabalho, onde eles se sintam confortáveis. E isso tem muito agregado e feito crescer o projeto” (P1, 2025).

Essa dinâmica participativa é percebida também pelos estudantes, que demonstram liberdade para propor e ajustar atividades em conjunto com os professores. E1 descreve que o processo de decisão é compartilhado, e que todas as escolhas são realizadas em conjunto com os docentes orientadores. Ele menciona que, antes de implementar determinados pontos, é necessário o aval dos orientadores para adequar aspectos que, muitas vezes, os estudantes não percebem, mas que os docentes, com maior experiência, conseguem sinalizar.

E3 reforça essa ideia ao mencionar a relação com P2 como uma “conversa de via dupla”:

“A gente de uma forma bem amigável, sugere ideias também que poderiam ajudar a gente; nós conseguimos propor ideias e também conseguimos obter um feedback das ideias e novas ideias em cima disso também, então é uma conversa de via dupla com o professor” (E3, 2025).

P2 também valoriza a iniciativa trazida por parte dos estudantes, apontando como o espaço de troca favorece o crescimento coletivo. Para ele,

“é legal que às vezes eles trazem ideias, sabe? Ah, professor, eu tentei fazer tal coisa e deu certo. E essa reunião semanal é legal para isso, porque daí eles acabam trocando informações, sabe? Tipo, algum recurso didático que um usou, que deu certo, já compartilha com todo mundo” (P2, 2025).

Essa dinâmica reflete a dialogicidade proposta por Paulo Freire (1996), que enfatiza a escuta crítica e a troca de saberes para a construção do conhecimento, afirmando que “somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele”. A autonomia discente se desenvolve na experiência de propor e decidir, e a relação de parceria demonstra a importância do diálogo para promover um aprendizado interativo e colaborativo, conforme afirmam Belotti e Faria (2010).

A valorização das ideias dos estudantes e o incentivo à sua criatividade podem promover um ambiente de coaprendizagem e corresponsabilidade. A relação mais horizontal aproxima professores e estudantes e ajuda na troca de experiências mútuas, contribuindo para o aprendizado e crescimento mútuos dos envolvidos no processo, a partir das diferenças que caracterizam suas interações. Essa colaboração mútua na construção do saber é uma das bases da extensão.

#### ➡ IMPACTO DA RELAÇÃO PROFESSOR-ESTUDANTE NA FORMAÇÃO E NA ARTICULAÇÃO TEORIA-PRÁTICA

A relação professor e estudante na extensão universitária tem um impacto grande na formação dos alunos no que tange à integração entre teoria e prática. Essa interação permite que os estudantes

utilizem o conhecimento acadêmico em problemas reais, desenvolvendo novas estratégias e percebendo a importância da responsabilidade social.

As observações e relatos dos participantes confirmam que essa vivência contribui para o desenvolvimento de habilidades práticas e socioemocionais, como empatia e comunicação com diferentes públicos. P1, por exemplo, destaca que a extensão

“faz com que eles [os alunos] busquem soluções em problemas comuns na comunidade e através da busca dessas soluções, desenvolvam estratégias adicionais diferentes daquelas existentes na faculdade” (P1, 2025).

Essa atuação prática expressa a práxis, conceito abordado por Paulo Freire (1996), no qual teoria e prática se complementam. P2, ao avaliar as habilidades dos estudantes, enfatiza a importância da comunicação e aprimoramento pedagógico. Ele destaca que a experiência em projetos de extensão contribui para que os estudantes desenvolvam a capacidade de se expressar com confiança e de organizar suas ideias, aspectos cruciais não apenas para uma futura atuação docente, mas para diversas outras áreas profissionais, ressaltando que o “aprender a ensinar” é um ganho essencial dessa vivência durante o processo de extensão (P2, 2025).

Os estudantes também reconhecem esse crescimento. O estudante E1 relata que a evolução da relação com os docentes tem sido muito positiva, indicando que essa interação se aperfeiçoou com o tempo, resultando em um entendimento mútuo e eficaz (E1, 2025). Ele menciona que os docentes acolhem as questões dos estudantes e fornecem orientações pertinentes, ressaltando a necessidade de contato contínuo para a evolução, não apenas acadêmica, mas também pessoal (E1, 2025). O estudante afirma que “essa relação docente-discente tem sido aperfeiçoada com o tempo, de forma que nós conseguimos nos entender muito bem”, e que os docentes “acatam as nossas questões, também dão orientações muito pertinentes” (E1, 2025).

O Estudante (E2) destaca o desenvolvimento de diversas habilidades a partir da convivência com os professores. Ele relata ter aprimorado a comunicação e a capacidade de compartilhar conteúdos complexos de forma acessível. Além disso, menciona ter aprendido sobre organização de atividades e a compreensão de práticas específicas que, embora abordadas teoricamente, foram de fato apreendidas na vivência extensionista com os professores (E2, 2025). O estudante pontua que desenvolveu “habilidade, assim, de comunicação” e que aprendeu “a organizar as atividades” (E2, 2025).

O estudante E3 relata que a experiência no projeto contribuiu para que ele demonstrasse sua competência e evidenciasse habilidades profissionais que vão além do conhecimento teórico, o que fortaleceu sua relação com o professor (E3, 2025). Segundo ele, o desenvolvimento dessas competências foi favorecido especialmente pela vivência prática fora da sala de aula, espaço no qual teve a oportunidade de afirmar sua capacidade e aprofundar o vínculo com o docente que o acompanhava (E3, 2025).

O estudante E4 também enfatiza que a relação mais próxima com o professor, no âmbito da extensão, foi fundamental para seu

desenvolvimento. Ele relata que essa interação, marcada por conversas frequentes e pelo esclarecimento contínuo de dúvidas relacionadas às atividades da extensão, “pode tornar o estudante mais confortável e engajado com os estudos de sua área, levando a uma melhor absorção dos conteúdos e, conseqüentemente, ao crescimento acadêmico e profissional” (E4, 2025).

Essa integração entre teoria e prática, associada ao desenvolvimento de competências socioemocionais, comunicacionais e de autonomia dos estudantes, caracteriza a formação ampliada que é proporcionada pela extensão. Ao conectar o conhecimento acadêmico com as realidades sociais, a extensão humaniza o processo educativo, fortalece o compromisso social e prepara o estudante para desafios profissionais e para o exercício da cidadania.

#### ➔ DESAFIOS NA IMPLEMENTAÇÃO DE AÇÕES E PROJETOS DE EXTENSÃO

Mesmo com uma dinâmica de colaboração e de uma relação menos hierarquizada, a interação professor e estudante na extensão também tem seus desafios. Na maioria das vezes, esses desafios estão relacionados à organização ou à comunicação inicial, mas os desafios costumam ser superados com diálogo e flexibilidade.

O estudante E1, por exemplo, aponta que o maior obstáculo diz respeito ao alinhamento entre os horários e a disponibilidade dos professores e monitores. Ele reconhece que tais situações foram raras, mas destaca que, quando ocorreram, os docentes “compreenderam muito bem” e se mostraram abertos ao diálogo (E1, 2025).

Essa percepção é reforçada por E3, que menciona a dificuldade de conciliar as agendas dos envolvidos. Ele observa que “marcar o horário para a comunicação” era desafiador, mas que a equipe encontrou soluções, como a realização de reuniões online por meio da plataforma Discord, o que facilitou os encontros e contribuiu para o andamento do projeto (E3, 2025).

E1 também comenta que, quando surgem divergências, elas normalmente estão ligadas a “falha na comunicação”, mas são resolvidas com rapidez e harmonia, em um ambiente que ele descreve como “muito harmônico”, onde não há grandes conflitos pessoais (E1, 2025).

De forma semelhante, E2 relata uma situação em que, no início do projeto, houve divergência sobre estratégias de comunicação visual. Após conversar com o professor, sua sugestão de “humanizar a representação visual” foi acolhida e aperfeiçoada em conjunto, demonstrando que o processo de resolução foi construído de forma dialogada e colaborativa (E2, 2025).

Essa capacidade de resolver problemas através do diálogo, flexibilização e respeito entre professores e estudantes reforça a importância de uma relação de confiança e colaboração. O diálogo surge como uma ferramenta fundamental não só para a comunicação, mas também para a resolução de impasses e para o aprendizado com as diferenças de perspectiva. Paulo Freire (1996) destaca a “escuta crítica” e a “disponibilidade para o diálogo” como elementos essenciais no processo de ensino e aprendizagem, pois o diálogo segundo Freire (1992), não é a transferência de informações ou de conhecimentos,

mas um encontro de sujeitos que exercitam a busca do significado das informações e dos conhecimentos. Superar esses desafios, que muitas vezes são práticos e organizacionais, demonstra a resiliência e o comprometimento dos envolvidos. Isso fortalece a parceria e contribui para que as atividades de extensão fluam melhor, além de promover o amadurecimento e uma aperfeiçoamento na relação professores e estudantes.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS** Os resultados da pesquisa apontam que a extensão se configura como um espaço privilegiado para a construção de práticas educativas distintas do modelo tradicional de sala de aula. Nesse contexto, a relação se estabelece de forma mais horizontal, dialógica e centrada na experiência prática, favorecendo a troca de saberes, o protagonismo dos estudantes e a participação ativa de todos os envolvidos.

O papel do professor na extensão se configura como mediador do processo formativo. Os professores entrevistados ao se verem como “mediadores” e “coordenadores de projetos”, demonstram preocupação em adaptar suas abordagens às necessidades dos estudantes e aos contextos reais. Isso se alinha aos princípios abordados por Paulo Freire (1996) e Belotti e Faria (2010), onde a formação do aluno é indissociável da reflexão e do aprimoramento contínuo do próprio professor. A extensão, nesse sentido, apresenta-se como uma possibilidade de o professor se tornar um “aventureiro responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente” (Freire, 1996, p. 26), potencialmente enriquecendo sua própria prática e qualificando a formação dos alunos.

A interação, nos projetos de extensão observados, é marcada por diálogo contínuo e valorização da autonomia. Observa-se um espaço claro onde os estudantes podem propor ideias, e eles se sentem animados a participar nas decisões e no planejamento das atividades. Essa “conversa de via dupla”, como os alunos relatam, indica a possibilidade de criar uma relação de parceria e de construção do conhecimento em conjunto, onde a expertise docente se soma à iniciativa estudantil. Essa horizontalidade, em oposição a posturas impositivas, mostra-se fundamental para o desenvolvimento da autonomia dos estudantes, permitindo que exerçam sua capacidade de decidir e de intervir no processo, conforme defendido por Freire (1996). Esse ambiente participativo contribui para a superação de paradigmas do ensino tradicional e para a construção de um processo formativo mais engajado e humanizado.

Apesar dos desafios – geralmente relacionados à organização e à comunicação –, a relação professor-estudante mostra-se resiliente. As dificuldades, como acerto de horários ou falhas na comunicação, podem ser frequentemente resolvidas com conversa e flexibilidade. O diálogo tende a aparecer como a ferramenta principal para resolver essas questões e para aprender com as diferentes formas de ver as coisas. A “escuta crítica” e a “disponibilidade para o diálogo” apresentam-se como essenciais nesse processo, potencialmente transformando as diferenças em chances de melhora. A resiliência e o compromisso mútuo, que aparecem quando superam esses desafios práticos e de organização, indicam um fortalecimento da parceria e uma contribuição para a fluidez das atividades extensionistas e para o amadurecimento da relação entre docentes e discentes.

O impacto dessa relação na formação dos estudantes é expressivo. Além de consolidarem conhecimentos técnicos, os estudantes desenvolvem competências socioemocionais, como empatia, comunicação e liderança. A atuação como monitores favorece esse processo, ao permitir que enfrentem desafios reais e coloquem em prática o que foi aprendido nos projetos extensionistas. Essa vivência promove uma aprendizagem mais significativa, que desperta o interesse e fortalece o vínculo com a área de estudo.

Conclui-se que a extensão universitária, quando favorecem relações horizontais e dialógicas, constitui-se como um espaço fértil para a aprendizagem mútua, o exercício da autonomia e o desenvolvimento dos estudantes. Reconhecer e investir em políticas e estruturas institucionais que favoreçam essa forma de interagir mostram-se essenciais para potencialmente firmar seu papel em formar profissionais qualificados e comprometidos com a sociedade. Dessa forma, a universidade brasileira pode cumprir sua missão de interagir de forma transformadora e significativa com a sociedade.

#### REFERÊNCIAS

- AQUINO, Julio Gropa. A relação professor-aluno: do pedagógico ao institucional. in: BELOTTI, Salua Helena Abdalla; FARIA, Moacir Alves de. *Relação professor/aluno. Saberes da Educação*, v. 1, n. 1, p. 01-12, 2010.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BELOTTI, Salua Helena Abdalla; FARIA, Moacir Alves de. *Relação professor/aluno*. Saberes da Educação, v. 1, n. 1, p. 01-12, 2010. Disponível em: <https://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdfs/salua.pdf> Acesso em: 30 jun. 2025.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. Disponível em: <https://fasam.edu.br/wp-content/uploads/2020/07/Extensao-ou-Comunicacao-1.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2025.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <https://www.ufpb.br/ccca/contents/documentos/noticias/pedagogia-da-autonomia-livro-completo.pdf/view>. Acesso em: 30 jun. 2025.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo\\_C1\\_como\\_elaborar\\_projeto\\_de\\_pesquisa\\_-\\_antonio\\_carlos\\_gil.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf). Acesso em: 07 jul. 2025
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: [https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy\\_of\\_historia-i/historia-ii/china-e-india/view](https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/view). Acesso em: 08 jul. 2025.
- PACHECO, José. *Escola da Ponte: formação e transformação da educação*. 6. ed. São Paulo: Vozes, 2011.

ROSSETTO, Maria Célia. **A construção da autonomia na sala de aula: na perspectiva do professor**. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7520/000546740.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2025.

SÍVERES, Luiz (Org.). **A extensão universitária como um princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013. p. 19-34. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000232083>. Acesso em: 30 jun. 2025.

SAMPAIO, Jorge Hamilton. Autoanálise e autogestão das comunidades: contribuição da sociopsicanálise para metodologias de extensão. In: SÍVERES, L. (Org.). **A extensão universitária como um princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013. p. 66.

VILLAR, Ana Eugênia Vasconcelos. **Extensão universitária: concepções e ações na UFRN sobre a temática direitos humanos e justiça no período de 2008 a 2010**. Tese de Mestrado. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/server/api/core/bitstreams/b272216f-c9c1-4685-b492-0146c45cc69d/content>. Acesso em: 10 jul. 2025.